

Ambiente Econômico

Estamos mesmo melhorando?

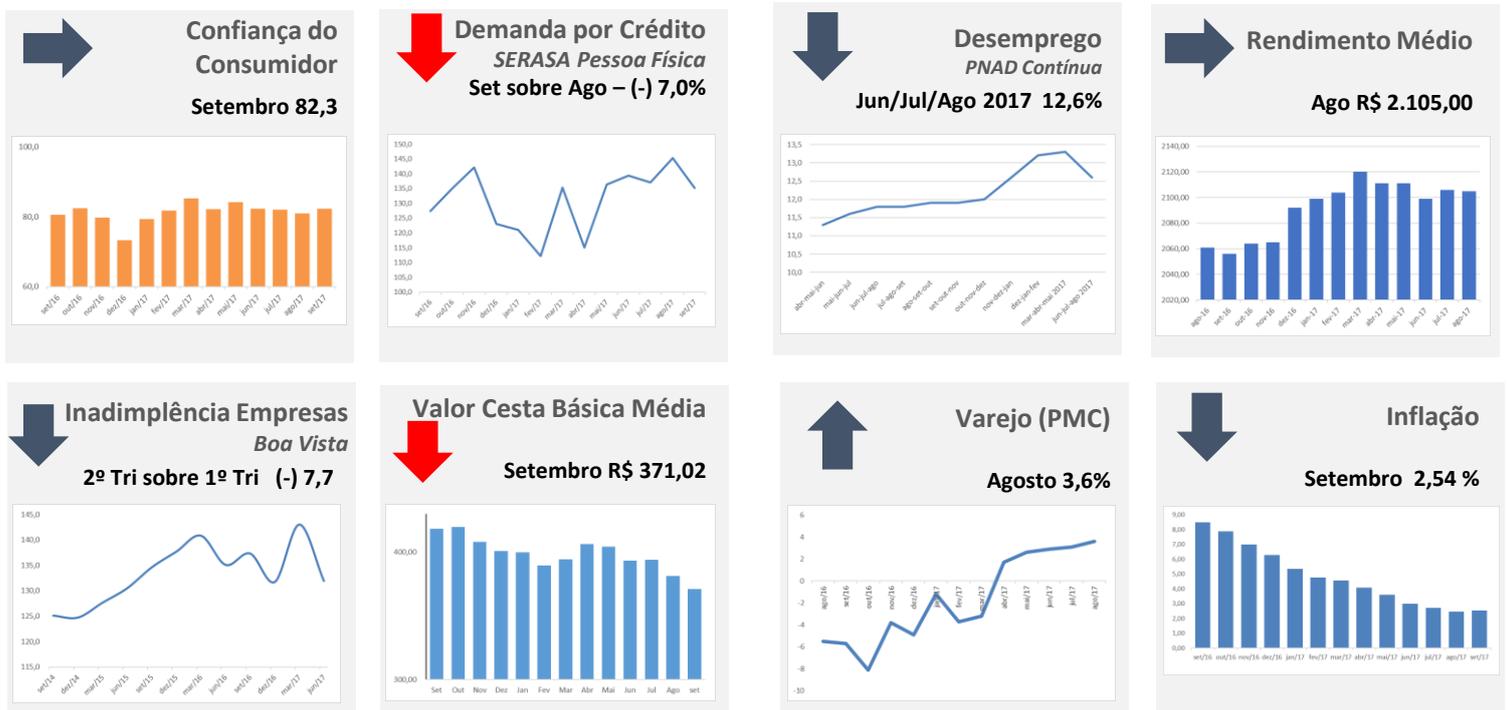
Sair de uma crise como a que vivemos é algo lento e que costuma ir galgando etapas aos poucos. Embora ainda tímidos os números apresentados no dashboard abaixo sinalizam que a economia em seus aspectos mais essenciais parou de cair e agora começa seu movimento de voltar a crescer. Pode-se dizer que estamos vivendo o ponto de inflexão, que diferentemente do que se verifica na exatidão dos gráficos da matemática, não é um ponto, ou melhor, um dia, mas sim um período que se estende por meses. Quando se dirige uma bicicleta e se pretende fazer um retorno, normalmente o mais fácil talvez seja parar, colocar os pés no chão, apontar a bicicleta para onde se pretende seguir e retomar a pedalada. Infelizmente a economia se parece mais com um avião ou um grande navio, que para fazer um retorno ou uma curva acentuada, precisa de uma longa trajetória. É exatamente este o momento que a nossa mastodôntica economia está, ou seja, deixando de ir rumo ao fundo para voltar a apontar a proa para cima e isto leva tempo.

Para movimentar o consumo é preciso que o consumidor seja motivado a gastar e este é um passo que não é apenas racional, ou seja, não depende apenas de ter ou não dinheiro disponível. Sabemos que mais de 10 milhões de pessoas perderam seus empregos na crise, porém a estagnação verificada em alguns segmentos do varejo ou de serviços foi além deste impacto e o que contribui fundamentalmente é a confiança do consumidor de que tudo em seu ambiente estará favorável, o que minimiza o medo de gastar. Quando o trabalhador começa a ver que inúmeras pessoas conhecidas ou ao seu redor, começam a perder seus empregos e, conseqüentemente deixar de dispor de renda, é imediata a contenção de gastos.

Neste momento atual em que ele começa a ver as empresas, mesmo que ainda timidamente voltando a contratar, o crédito retornando paulatinamente ao mercado, a confiança não explode, mas passa a ser positiva e com isto ele retoma alguns de seus gastos ou então se arrisca em uma dívida de mais longo prazo, que é o que tem feito a movimentação positiva, por exemplo, na venda de veículos ou então de apartamentos.

Em 2009, quando o mundo atravessava um de seus piores momentos econômicos, o Brasil verificava crescimento no gasto das famílias e a despeito da descrença de muitos analistas, principalmente internacionais, o consumo crescia. A explicação que o próprio consumidor passava era que seus familiares estavam empregados, seus amigos, vizinhos e membros de suas comunidades também, então porque não gastar. Como costuma-se dizer o consumo brasileiro é decidido no microcosmo, até de alguma forma independente de indicadores macroeconômicos, o que torna fundamental que a cadeia como um todo saiba reconhecer estes sinais para tudo o que há de bom e tudo que há de ruim. Mesmo com o desemprego ainda alto e com o rendimento estagnado, o consumidor recomeça a gastar e a girar a roda do consumo na direção de tempos menos bicudos.

Dashboard



Nota: O site do IBGE está de cara nova!

Fonte inesgotável de informação para a análise econômica para os diversos setores e segmentos no Brasil, apresentou em Outubro um novo portal bastante interativo e fácil de navegar. www.ibge.gov.br

Destaque do Mês

Política e Economia em direções opostas no Brasil

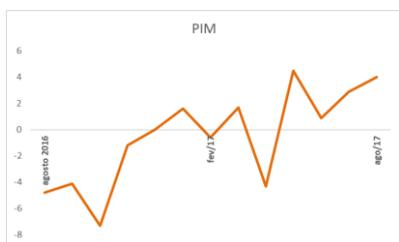
Muito se tem discutido nos últimos meses sobre o descolamento entre Economia e Política no país, uma vez que a primeira começa a dar sinais de que a recuperação não é um voo de galinha e a segunda vai de mal a pior com escândalos e decepções que aparecem em forma de cascata na vida dos brasileiros.

O Instituto Ideia Big Data realizou a pesquisa Opina Brasil e detectou um pouco esta sensação que, de alguma forma, toma conta de todos nós inseridos no mundo empresarial. A Pesquisa ouviu 400 grandes líderes de diversos setores no país e trouxe os seguintes resultados principais:

- O ambiente político brasileiro é péssimo, uma vez que 84% indicam seu sentimento negativo em relação a isto, porém alguma acomodação, por pior que possa ser é sinalizada, já que 62% esperam por estabilidade política no próximo semestre. Alie-se a isto que, mesmo envolto em diversas situações e acusações graves, 83% dos entrevistados entende que o Presidente Michel Temer conclui o seu mandato em 2018;
- Apesar de confiantes em alguma medida, 49% acham que a economia estará pior em 6 meses, enquanto apenas 15% indicam um sentimento positivo em relação à economia. O lado positivo é que 67% acreditam que, em alguma medida, o governo conseguirá aprovar a reforma da Previdência;
- Olhando para os seus mercados de atuação, 49% dos líderes informaram que estes não estarão nem melhor e nem pior, contra 48% que esperam por um mercado pior.
- Preconizando tempos não obrigatoriamente melhores do que o atual, 44% dos líderes planejam ampliar seus investimentos em mídias digitais, o que vale dizer, reduzir os recursos destinados à comunicação de forma geral.

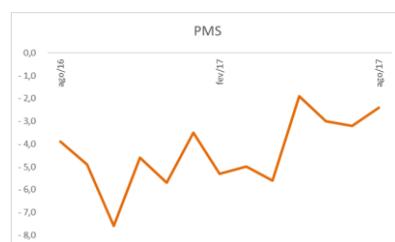
Indústria

Indústria cai 0,8% em Agosto em relação a Julho, porém sobe 4,0% em comparação com Agosto de 2016



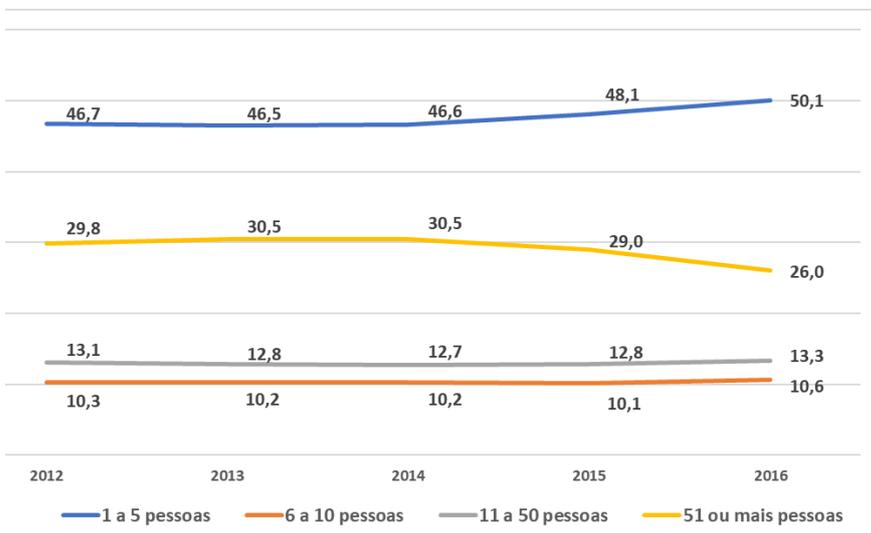
Serviços

O setor de Serviços ainda enfrenta dificuldades. Taxa de -2,4% em Agosto 2017 sobre Agosto 2016. Em relação a Julho deste ano, houve queda de 1,0%.



As pequenas empresas crescem no país

Os números da PNAD Contínua mostram que as empresas menores cresceram no Brasil mais significativamente do que as empresas de grande porte. O gráfico abaixo nos ajuda a entender que, apesar da crise iniciada em 2015, excetuando-se os trabalhadores domésticos, o número de empregados em empresas com tamanho até 50 pessoas cresceu mais do que aqueles empregados em empresas com 51 empregados ou mais.



Apesar do forte fechamento de empresas de pequeno porte, percebe-se que aquelas que sobreviveram acabaram sendo os abrigos aos empregados no país, absorvendo os grandes contingentes que foram sendo dispensados ao longo do tempo pelas empresas de maior porte.

Os maiores encolhimentos de empregados em empresas de grande porte entre 2012 e 2016, ocorreram na Região Norte com quase 30% a menos de empregados, enquanto que a Região Sul foi a que demonstrou maior permanência de empregados em empresas de maior porte.